

CARTA AO MEU EU FUTURO

Coletânea do 16.º Concurso
de Escrita do AELC



Título: Carta ao meu eu futuro - Coletânea do 16.º Concurso de Escrita do AELC

Autores: Beatriz Mourão, Carolina Filipa Pascoal Duarte, Clara Simões, Francisco Miguel Vilariça Folgado, Inês Augusto, Inês de São José G. C. D. Alenquer, Jael Francisco, Margarida Martins Peres Moreira, Mário Alexandre B.R. S. Fonseca, Miguel Farinha Baptista, Nataniela Vilela, Pedro Dias Ferreira, Thiago William Carvalho Tortaro

Prefácio: Lucinda Santos

Edição: Agrupamento de Escolas Leal da Câmara

Revisão: Sandra Guérin

Diagramação e paginação: Carlos Pinheiro

1.ª edição: maio de 2023

Fotografia da capa: Carlos Pinheiro

Edição segundo as regras do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990.

Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons - Atribuição-
NãoComercial-Compartilha Igual 4.0 Internacional.





Índice

Prefácio	7
Castelo de Cartas.....	9
Olho para o relógio.....	13
Futuro Desdém.....	17
Tenta por mim... e por ti!	19
Uma carta para o meu eu do futuro	23
Não tão querido Eu	27
Olá, Eu do futuro!.....	31
Uma carta para alguém que está perdido.....	35
Uma carta para o meu Eu do futuro	37
Para mim, daqui a uns anos... ..	41
Começo já por dizer	45
Eu e eu.....	49
Querido 130	51



Prefácio

«Não sei o que amanhã me trará». Esta frase escrita em inglês por Fernando Pessoa, na cama do hospital de S. Luís, em Lisboa, remete-nos para a imprevisibilidade do futuro. No caso de Fernando Pessoa, o futuro não correu bem, como todos nós sabemos. Fernando Pessoa morreu no dia seguinte, em 30 de novembro de 1935. No caso dos nossos alunos, carregados de juventude, a projeção de futuro é sobretudo preenchida por sonhos e por esperança, ainda que mesclados com as interrogações e as inquietações próprias da adolescência e da própria condição humana.

Foi assim que aconteceu, nos treze textos epistolares que os alunos do Ensino Secundário apresentaram no âmbito do Concurso de Escrita Criativa promovido pela Biblioteca Escolar, que os desafiou a escrever «Uma carta ao seu Eu do Futuro». O *ebook* que apresentamos hoje é constituído não só pelos textos vencedores, mas por todos os textos apresentados a concurso, porque o júri considerou que todos eles, sem exceção, possuem qualidade para fazer parte da memória da nossa instituição escolar.

Como membro do júri do concurso, o que me saltou à vista, logo na primeira leitura que fiz dos textos, foi a verdade e a intensidade psicológica com que os textos foram escritos. Neles, percebemos os sonhos e a esperança que os jovens escritores projetam no futuro, bem como as inquietações e as interrogações que trouxeram do passado e que acrescentam as inquietações e as interrogações do presente que, muitas vezes, percebemos vivido com dor, dor a expensas do próprio processo de crescimento e dor a expensas do desconcerto do mundo.

Os textos que constituem este *ebook* são, de facto, um bordado que articula, com maior ou menor competência linguística, com maior ou menor grau de conhecimento de si próprios, dos outros e do mundo, a interioridade e a exterioridade, o passado, o presente e o futuro, implicando um exercício de

autoconhecimento e de redefinição pessoais que poderá ser muito terapêutico. Na verdade, como afirmam muitos autores consagrados, a escrita pode ser salvação.

Que assim seja! E que seja divertimento também! Por isso, e, igualmente, porque acredito que uma carta se assume como um princípio dinâmico, termino este prefácio – que muito me honrou escrever – com um desafio para os escreventes: o desafio de colocarem as cartas que escreveram em envelopes fechados, com a indicação da data em que deverão ser abertos no futuro (a data deve corresponder à idade que o Eu que escreve imaginou para o Eu receptor da carta), guardando-os, depois, num local seguro, de modo a que possam voltar a ler as cartas nas novas circunstâncias das suas vidas.

Nesse momento, cada Eu do futuro poderá responder ao seu Eu do passado, num processo dialógico intergeracional consigo próprio, catártico, interpretativo dos estados de alma, da sociedade e do mundo, impulsionador de crescimento interior e, conseqüentemente, construtor de identidade.

Muito obrigada a todos os alunos que tiveram a ousadia e a coragem de responder ao desafio de projetar o seu futuro em forma de carta para si próprios, no âmbito do Concurso de escrita criativa promovido pela Biblioteca Escolar!

Bem hajam

Lucinda Santos

Castelo de Cartas



Aposto que encontraste este velho caderno de argolas (muito provavelmente ferrugentas!) debaixo da nossa cama de infância ou dentro do degrau falso que tanto pedi ao pai para construir no sétimo degrau das escadas...

Que idade tens? Vinte e cinco? Trinta? Quarenta, talvez...

Espero que não passe disso, porque acredito que às tantas isto deixe de fazer sentido. Ou pelo menos eu espero que deixe...

Se não te lembras de mim, eu compreendo... Sou alguém que tu já não deves ser. Sou uma parte de ti que espero que tenhas enterrado há uns bons anos. Bem, isso depende da tua idade agora, não é? Porque se a minha capacidade de esconder cadernos for tão boa como a de esconder as minhas mágoas, nem vale a pena continuares a ler isto porque já deves ter uns 60 anos!

É curioso como agora me pedem para te escrever como se eu já não o fizesse todos os dias de noite, corpo enterrado na minha cama, com as costas a doerem-me devido à posição de besta de filme de terror que adotei para que a letra com que te escrevo ficasse ao menos legível.

Vou escrever-te então como se não fôssemos a mesma pessoa (que não somos!). Olá, sou eu. Um mero fragmento do que quero ser... Sou um mero fragmento de ti.

Sou uma pessoa crua, instável, insegura, dependente e, infelizmente, consciente de tudo isto. Porque se isto fosse endereçado a um fragmento de mim e não ao meu todo, a criança perder-se-ia logo quando digo que sou crua... Pensaria ela que sou um almoço que ainda não acabou de ser cozinhado. Porque as crianças,

ainda que reduzidas à sua pequenez, são gigantes porque nada sabem... e vivem bem com isso. Porque o Mundo são elas próprias... E o que será melhor do que sermos nós o nosso Mundo?

És o teu Mundo? Diz-me que sim...

Diz-me que o “mundo” egocêntrico em que vivemos não conseguiu destruir mais uma alma pura como a tua... Que o que está entre nós conseguiu ligar-me a ti da maneira que eu quero, mas não consigo.

Essa é a cruel realidade da Humanidade. Queremos tudo e todos, queremos o “mundo” e, como não compreendemos que o Mundo está dentro de nós, gritamos e barafustamos tanto que se fazem guerras... que se desrespeita o próximo ao ponto do “mundo” fora de nós chegar ao estado de cerimónia fúnebre em que se encontra.

Como está o “mundo” aí?

E onde está o Mundo? É teu? Ou continuas a ser dele...?

Estou farta de fazer perguntas... Isto não me faz bem! Faço perguntas e perguntas e tu não me vais responder, só sabes ouvir.

Ouvir...! Talvez nem isso! Se calhar recusas-me, recusas a minha existência como quem deixa os talos dos brócolos de lado no prato, propositada ou despropositadamente. Recusas-me... como eu (sem qualquer orgulho nisso) recuso os meus próprios fragmentos, recuso partes do meu passado das quais não me orgulho... recuso partes que me magoam, que doem no local mais fundo do meu coração cada vez que penso nelas.

Não te vou culpar, sinceramente. Se me recusas, quer dizer que estás numa posição melhor do que aquela em que eu estou, e isso dá-me um alívio enorme. Podes não ser aquilo que eu sonho ser agora, mas talvez sejas algo ainda maior. Talvez o Mundo caiba realmente dentro de ti!

Quem és tu, afinal? Ah, o quanto eu adorava ver-te agora! Podia ser que me motivasses a prosseguir o meu caminho.

Ele tornou-se muito sombrio, atribulado... Já não sou uma criança inconsciente, mas também não sei ser um indivíduo adulto, pejado de responsabilidades que os outros nele colocam ou que ele faz recair sobre os seus próprios ombros.

O meu maior dilema, é o que isto é!

Eu quero ser uma criança inconsciente, mas adoro a minha consciência. A que me permite ler, compreender, conhecer, aprender... A que faz de mim mais do que um corpo vivo, mas inerte, mais do que um pedaço de pó de estrelas que teve a sorte de se juntar numa só entidade. A que faz de mim um ser que pensa (até demais!) e que quer ser melhor todos os dias...

Eu quero ser um adulto livre, mas não quero ter de prestar contas aos outros. Quero a liberdade que tenho agora, a de mandar um berro na rua e ninguém levar a sério, porque sou jovem. Quero poder mexer-me sem que o corpo me pese (se bem que este corpo que habito não é nem uma migalha da minha alma), porque ainda sou jovem. Quero *fingir* que não me preocupo, que não é comigo, que não devo nada a ninguém, porque sou jovem.

Mas será que sou? Tirando umas dores nas costas aqui e ali, o meu *corpo* é jovem. E a minha alma? A alma que me empurra todos os dias para a preocupação com o “mundo”, com a vida, com os outros, com tudo o que mexe e remexe... exceto com ela própria.

Quão velha és tu, alma?

Realmente...

Nem comigo própria concordo... E depois querem que eu não tenha crises existenciais! Eu não sou o meu corpo, ele é apenas uma parte de mim... Também não sou só a minha alma, ela também é só uma parte de mim...

Mas tu, tu... A minha alma é a tua...E o meu corpo, o meu corpo é teu também.

Uma dor a mais ali e um conhecimento novo ali... Na essência... Somos o mesmo.

Assim...A criança... A criança também sou eu. E tu.

Nós.

Não gosto de pensar que me engano. Prefiro aperceber-me disso no subconsciente e não o admitir (espero que já tenhas resolvido isto também, já agora).

Mas, neste caso, aqui e agora, talvez seja o que tu precisas que eu faça por ti.

És a força que me move todos os dias... Fazes tudo, mas mesmo tudo por mim. O futuro que anseio é a única força que ainda alimenta o meu motor.

Mas eu não te conheço. Como posso eu querer algo que não conheço, que não sei que existe...?

Eu construir-te-ei.

Não te vou perder.

Não vou desistir de ti.

Não te vou deixar morrer.

Eu e tu.

Aqui. Agora.

Bem-vindo ao Mundo, eu!

Do teu adorado tu.

Inês de São José G. C. D. Alenquer

1.º prémio

Olho para o relógio



Olho para o relógio e vejo que estou sem tempo. A carta está quase pronta e ainda não saí de casa. Tirei uma cópia porque achava que também merecia uma para mim. Estou pronto. Todas as minhas ideias e ambições culminaram neste pedaço de papel e, apesar de todas as indecisões, sinto-me aliviado por saber que no futuro não estarei sozinho. Ou estarei?

Certo dia, caminho por Lisboa, é primavera e o ar nunca esteve tão fresco. Enquanto ando sem rumo, olhando para os prédios que sempre me fascinaram, aparece-me, de repente, um senhor à minha frente. Sinceramente, não prestei muita atenção às suas feições, estava mais preocupado em voltar à realidade. Quando finalmente recuperei o foco, dei conta que o senhor já estava a falar.

- O senhor não quer falar com ele? Consigo?! – perguntou o homem muito indignado.

- Desculpe, mas não estou a perceber. Do que fala?

- Eu falo do futuro, jovem! Nunca teve a vontade de deixar um recado, um vídeo, alguma coisa para si mesmo daqui a uns anos? É isso que a minha empresa faz. Nós recolhemos uma carta que queira escrever e, quando chegar a hora, pode vir recolhê-la, aqui, ou numa *cloud*.

Entretanto, cheguei a casa. Sentei-me a fazer alguns trabalhos mas, por alguma razão, não me conseguia concentrar. Parei por um bocado e pensei o que é que me poderia estar a afetar tanto. Recordei o discurso daquele homem. Naquela altura, não liguei muito à oferta, honestamente senti que algo estava a consumir-me. Comecei a reparar que o dia se tinha tornado mais quente, o barulho da rua

insuportável e estava com algumas dificuldades em respirar e, por isso, deixei o senhor a falar e desapareci rapidamente.

Pus-me a pensar e realmente uma carta fazia todo o sentido. Ultimamente, estava perdido nas minhas decisões e achei que uma carta para o meu futuro iria ajudar-me a chegar a alguma conclusão. O sentimento voltou. Era uma força que permanecia adormecida e, sem qualquer aviso prévio, aparecia para me sufocar. Entretanto desapareceu e, nessa altura, adormeci.

Já era de manhã. Acordei tranquilo e, sem tempo de me levantar. A minha memória relembrou-me do dia anterior e tudo ficou pintado das mesmas cores. Decidi então escrever a carta. Comecei por escrever num computador mas apercebi-me que iria matar a minha caligrafia, realmente estaria omitir parte da minha personalidade. Fiquei irritado comigo mesmo e agarrei num pedaço de papel. Peguei numa caneta a medo (aquela caneta era muito cara!) Cheguei à conclusão que nunca a tinha usado e que, ao continuar com estas ideias, nunca iria usar a maldita da caneta! Sem mais conflitos comecei a escrever.

“Olá, futuro! Eu falo de 2023. Eu tenho estado um pouco perdido”. Pousei a caneta e questionei-me se estava a falar com um desconhecido ou comigo mesmo. Pensei que não me devia preocupar com a pessoa e continuei a escrever. “Espero que estejas bem e que atualmente estejas feliz. Sendo sincero, eu não tenho nenhum plano para ti. Sempre que penso em algo fico maldisposto ou não chego a nenhuma conclusão e, por isso, venho-te dizer a forma como penso neste momento.

Atualmente tenho-me debatido comigo mesmo. Pergunto-me se devo seguir o que os outros me dizem, o que a sociedade me impõe ou o que realmente gosto. Provavelmente, estás a responder que devia seguir o que eu gosto. Bem, o problema é que eu não sei do que gosto, ou se calhar não sei do que não gosto, percebes? Aprendi imenso até agora e torna-se impossível decidir o que devo deixar para trás, de certa forma.”

Antes de continuar, pensei que devia dar alguns conselhos ao meu eu futuro, pois nunca se sabe como estarei daqui a uns anos. Fiquei assustado por ter criado

uma certa amizade com ele, parecia que estava a ter uma conversa com uma pessoa que me entendia a cem por cento.

“Queria dar-te alguns conselhos. Espero que estejas a viver segundo os teus gostos. Atualmente, vejo imensa gente a viver a vida de outras pessoas. Espero que isso tenha mudado. Aqui está tudo padronizado e, se ousas pensar de forma diferente, a sociedade põe-te de lado. Nunca fomos tão livres e tão oprimidos ao mesmo tempo!

Tenho medo do teu tempo, vejo tanto desinteresse pelas pessoas, tanta rejeição pelos factos... espero que não te tenhas perdido nesta maré e que, independentemente das escolhas que eu fizer (tu fizeres), te relembras das coisas que te dão felicidade nesta vida. É isso. Faz o que te faz feliz! Passeia por Lisboa, aprecia arte...

E mais uma coisa, não te prendas! Sai da zona de conforto, põe tudo no que fazes e, se alguma vez te sentires perdido, volta aqui e lê esta carta.”

Pousei a caneta. O meu quarto tinha ganho novas cores, senti-me leve. Parecia que alguma coisa tinha saído do meu corpo. Decidi não assinar a carta, pensei que era tolo assinar uma carta para mim mesmo.

Comecei a divagar nos meus pensamentos. Realmente, não devia estar tão preocupado com escolhas em específico, desde que estivesse consciente das razões que estavam por detrás. Isso deu-me segurança. Qualquer futuro que me espere, eu irei tentar sempre priorizar a minha felicidade e as minhas ideias; para além disso, não devo estar sempre a pensar num futuro tão longínquo...No final de contas, o que faço agora é que altera o futuro.

Embati contra um poste. Olhei para o lado e já estava à frente da empresa. O edifício já estava quase a fechar. Entreguei a carta e despedi-me:

- Até já!

Apanhei o comboio. Estava feliz por ter dado uma mais-valia ao meu futuro. Agora ficarei eterno e ele poderá visitar-me as vezes que quiser, quando precisar.

Mais tarde percebi que o sentimento nunca mais tinha voltado.

Mário Alexandre B.R. S. Fonseca

2.º prémio

Futuro Desdém



Futuro Desdém,

Não sei quem és. Não te conheço. Tenho medo de ti. És o que me espera, dizem. Tornar-me-ei em ti em pouco ou menos de nada, mas quando, não o sei. Falam-me de ti, falam-me imenso de ti, parecem saber mais de ti do que eu próprio, mas sem te conhecerem.

És incerto, a tentação em conhecer-te seduz-me, deslumbras-me, confesso. A possibilidade de receberes esta carta e ter algum tipo de resposta em troca inquieta-me. Sinto uma mágoa enorme ao pensar que isso não será possível, mesmo assim, escrevo-te.

Acredito que já não me conheças, que te recuses a fazê-lo. Tenho a certeza que a minha cara é puro desfoco à luz dos teus olhos. Sei que voltei a fazê-lo, sou um estranho para ti. Se assim for, alegro-me. Quero acreditar que mudei, que não me agarrei ao passado e que vivi, que continuo a remar em direção a algo, à constante da vida, em direção ao Sonho.

Tenho pensado em ti, talvez em demasia... Sempre que o faço, a ânsia floresce e os medos desfazem-me em pedaços como que por acidente um vaso deixado cair de uma escada. Cada caco uma vontade própria, uma ambição e toda uma nova vida. Neste momento, o desespero é real, tantas possibilidades! Quero vivê-las todas! Quero sentir que serei sempre eu! Não quero desperdiçar nada, viver tudo e ser tudo! Meu futuro, meu querido Eu, peço-te, suplico que tenhas sido bondoso comigo! Temo pelo que terei de passar até a ti chegar. Estou destinado a sofrer? Estarei eu entregue à angústia constante? Prefiro não saber.

Não sei o que serei e muito menos o que sou, contento-me por isso. Os que sabem o que são e os que pensam saber o que querem ser, sê-lo-ão, essa, é a sua sentença. Não sou assim. Acordo todos os dias com a sede de me reinventar, de me mover na vida. Não me quero resumir a um mero nome, anseio tornar-me num verbo. Esta é uma dádiva na qual vivo.

Escrevo-te com inocência e desespero numa tentativa de descobrir quem sou. Quero saber se mudei, não quero continuar assim. Tive a coragem de o fazer? Não te conheço. Irritas-me. Permite-me ser eu. Suplico para que te tenhas libertado dos receios e que arranques as raízes dessa semente de medo que amadurece alegremente em mim. Diz-me que aprendi a não viver em virtude da graça dos outros, que sei viver em função de mim e do meu júbilo. Estou farto de me render aos desejos que não os meus. Náusea de mim, chega!

Promete-me que arricaste e não te deixaste vencer pelo banal. Deposito em ti toda a minha esperança! És feito das escolhas de agora, és o meu resultado, tu és o que eu quiser, serás o que decidir. Tenho, em mim, todo o poder de fazer de ti o que quiser. Não me serves de nada. Não me vale sofrer por ti, não quero beber do meu tempo no desconforto que me provocas. Eu sou o agora! Eu sou eu!

Sei bem quem és. Conheço-te perfeitamente. Não tenho qualquer medo de ti. És o meu produto, minhas ideias fecundas, meus pecados e tormentos. Farei de ti o que quiser em pouco ou menos de nada.

És o meu futuro.

Do teu adorado passado.

Pedro Dias Ferreira

3.º prémio

Tenta por mim... e por ti!



Tenta por mim... e por ti!

Há quanto tempo querida Nês, há quanto tempo!... Parece que foi ontem que caíu o teu primeiro dente, parece que foi ontem que vestiste o teu primeiro vestido, parece que foi ontem que os teus lábios rosados foram pela primeira vez tocados, parece que foi ontem que desapareceste de ti mesma...

Recordo-me plenamente de ti, de mim, de nós, recordo-me da mágica meia lua no teu sorriso, das tuas faces pintadas do perfume das rosas, dos teus cabelos escuros e esvoaçantes, dos teus olhos refletidos quando olhavas para o céu...Lembro-me plenamente de ti, de ti minha Nês, minha preciosa rosa murchada pelo vento, minha querida estrela fluorescente, minha alegre, querida e delicada Nês!

O que aconteceu contigo? Como estás? Ou melhor, ainda cá estás? O que aconteceu depois de te cortarem as asas, o que sentiste depois de te prenderem nas brasas? O que fizeste a ti mesma, oh minha querida e doce Nês, o que fizeste?

Não sei se consegues ler o que escrevo agora, não sei se os teus olhos encharcados ainda avistam o final do dia, não sei se o tempo resgatou o brilho dos teus esverdeados ou se estes ficaram bordados no meio da chuva do meio-dia...

Minha querida Nês, ainda te derramam lágrimas cada vez que acordas? Ainda choras quando os teus braços respiram?

Queria poder abraçar-te e dizer que vai ficar tudo bem, dizer que és forte. Gostava de estar aí contigo, nesse teu mundo escuro e misterioso onde escreves melodias para as flores, gostava de te desenhar borboletas nos braços e apagar os teus presságios.

No entanto, eu sou apenas eu, uma rapariga destruída e possuída pelas minhas próprias forças, uma rapariga perdida no meio do encaracolado do meu próprio cabelo, uma rapariga que espera o dia nascer. Sou apenas um mar de palavras transcritas de um clássico romance, uma poesia cantada por mil e um pássaros cor-de-rosa, um arco-íris de desenhos encantados... apenas um céu estrelado com mil e um astros encontrados.

Minha doce Nês, ainda te corrói o coração sempre que tocas na tua pele? Ainda sentes nojo de quem és? Ainda tentas arranjar uma melhor solução, ainda tentas encontrar forças no teu pequeno coração? Suplico-te que me respondas, que me digas que estás melhor, que já consegues encontrar luz no fim do dia, que as tuas asas sempre estiveram coladas ao peito, que construístes estradas para os teus sonhos e melodias. Diz-me que fizemos a escolha certa, diz-me que realmente somos algo, diz-me porque temos que ser tão complicadas...Enfim, e porque raio ainda nos sentimos assim!

Imploro-te que estejas melhor, imploro-te porque eu, porque nós não aguentamos muito mais. Escreve as tuas narrativas, canta as tuas canções, enamora-te pelas tuas falhas e vive as tuas constelações!

Diz-me que realmente estás aí, que realmente ouves as minhas preces, que realmente me vês no fundo do espelho e que ainda respiras o mesmo céu noturno que eu. Diz-me que somos uma só, que estamos completas e que somos feitas do pó de estrelas e planetas. Diz-me que não te magoaste mais, diz-me que cuidaste bem de mim e de ti, que encontraste a luz que tanto ambicionamos, que continuaste a tentar. Suplico-te que tenhas continuado a tentar, que não tenhas desistido de ti e que, mesmo desaparecida, tenhas sido descoberta.

Espero que te tenhas encontrado por baixo das tuas apaixonantes vestes, espero que te tenhas libertado das amarras a que te prendes, espero que tenhas renunciado ao sofrimento e espero que, finalmente, tenhas desvendado o teu verdadeiro poder.

Minha querida Nês, neste sincero momento sinto um vazio, sinto como se tudo estivesse a acabar, como se cada mínima força que invisto em mim se estivesse a desvairar, como se cada veia do meu corpo estivesse a arrebentar.

Eu sei que é egoísta e triste pedir-te isto mas, por favor, Tu, minha querida rosa, encontra-nos de novo e leva-nos para aquele nosso mundo há tanto perdido onde respirávamos o pó de flores e areia do mar.

Eu sei que é difícil, eu juro que sei, mas por favor continua a tentar! Pensa em mim, em ti, pensa na Nês, na Neca, na Nenés, pensa em todas nós e como todas somos apenas tu, pensa em como todas nós somos fortes e em como todas nós encontraremos o princípio da alegria.

Inês Augusto

Menção honrosa



Uma carta para o meu eu do futuro



15/03/2023.

Querido Eu do futuro, espero que te encontres bem!

Poderia começar esta carta dizendo inúmeras coisas ou até mesmo fazendo imensas perguntas. Contudo, vou iniciar dizendo que não importa onde estejas, com quem estejas ou o que estejas a fazer que eu já tenho muito orgulho em ti!

E podes perguntar porquê, que eu vou ter todo o prazer em responder-te. Começo dizendo que isto se deve ao facto de que não é apenas uma atitude impensada, uma fala solta, uma emoção do momento que nos pode definir, pois todos nós, meros seres humanos, somos um conjunto de tudo o que já fizemos, dissemos, pensámos e vivemos. E esse é o principal motivo de já estar orgulhosa de ti, meu Eu do futuro, pois tudo o que fizeste até agora foi dar o teu melhor para com os amigos, família e, mais importante, para contigo mesma.

Expectativas, expectativas em relação a ti tenho imensas, todas boas, como não podia deixar de ser...E apesar de querer dizer-te que te deves livrar dessa emoção que só te traz maioritariamente ansiedade e desilusões, quero poder confidenciar-te o que projeto para ti, aqui do presente, tendo em conta a situação neste preciso momento, que sei que obviamente se irá alterar com o passar do tempo.

Daqui posso imaginar mil destinos para ti, tendo em conta que és (ou talvez foste) uma pessoa muito aberta a novas ideias, projetos, lugares e pessoas. Contudo, quero achar que te tornaste a psicóloga que desde muito nova quiseste ser, aquela

que dá consultas das oito as seis, numa clínica privada e, se te tiveres tornado mais ambiciosa, na tua própria clínica, de segunda a sexta e com os fins-de-semana livres. Quero pensar que ganhas uma quantia desejada por qualquer psicólogo da área que trata distúrbios alimentares, uma quantia com a qual podes viver confortavelmente e ainda ajudar os teus pais como merecem. Não posso dar-me ao luxo de querer adivinhar se estás casada, com filhos ou na tua própria mansão, sozinha a aproveitar tudo o que podes. No entanto, sei que, independentemente de qualquer coisa, tomaste a decisão certa, aquela que me vai fazer orgulhar ainda mais de ti.

Todavia, no parágrafo anterior, pudeste encontrar mais uma expectativa escondida que é a de eu querer que já tenhas a tua própria casa, aquele cantinho que a todos nós nos convém quando queremos privacidade, onde podemos chorar sem receio de sermos apanhados, ao qual podemos chegar e ter a liberdade de escolher se nos vamos enfiar nos lençóis e dormir até ao dia seguinte, se vamos fazer uma festa com os nossos amigos (mas apenas os mais chegados), pois afinal o nosso lar é sagrado ou ainda se vamos tomar consciência da realidade e fazer um jantar decente que vamos apreciar depois de uma boa arrumadela à casa e de um ótimo banho.

Quanto às tuas amigas, tenho mesmo, mesmo de saber se ainda és amiga da Beatriz e da Jael, aquelas que foram contigo ao concurso de escrita, quando andavas no secundário, pois desde o teu quinto ano foram as tuas mais verdadeiras e sinceras amigas. Sabemos bem a importância de uma amizade, e ainda mais de uma verdadeira amizade, que é quando não se precisa de dizer nada porque já dissemos tudo, quando os cinco minutos de conversa se tornam horas de gargalhadas sem fim, quando se alinha em tudo mesmo sabendo que não elas não podem porque os seus pais não deixam, ou simplesmente porque não devem, quando se fala de tudo e de todos sem nos preocuparmos com possíveis conversas paralelas.

Resumindo, sabemos que as amizades são como a nossa segunda casa, sem telhado nem portas (e muito menos de vidro!), mas a casa que acolhe o nosso coração, que afinal é um dos mais importantes órgãos do ser humano.

Em suma, estive aqui a encher-te de expectativas, ideais e objetivos de futuro sem te falar aqui do presente, que é das coisas mais importantes que temos, uma vez que é nele que se baseia o futuro e é ele que se vai tornar o passado, sobre o qual todos se preocupam, e em que nos perguntamos o que deveríamos ter feito, com a plena consciência de que nunca o vamos saber. Porém, é no futuro que passamos a maior parte do tempo, preocupados, ansiosos, esperançosos ou talvez até aflitos, mas não conseguimos entender que é no presente que está a chave, é no presente que tomamos as decisões que nos vão abrir a porta e, possivelmente, que nos vão dar muita alegria e bons frutos, pois temos de plantar para que mais tarde possamos colher, temos de tomar atitudes para que mais tarde nos possamos orgulhar e receber todo o fruto do nosso trabalho.

Também pudeste perceber que não te vou contar nada do que se passa aqui e agora, pois tudo o que quero é que possas viver uma vida leve e obter a tão desejada paz que é almejada por tudo e por todos. Além do mais, tenho a certeza de que te lembras perfeitamente destes tempos e até de tempos anteriores pois já aprendeste muitos com eles. Mas o mais importante é que quero que vivas sem te prenderes nem ao passado nem ao futuro, porque não são esses estádios de tempo que te vão fornecer o que tu precisas. Não vai ser ao te focares no que passou ou tentares imaginar o que vai acontecer que vais ser mais triste ou infeliz, ou seja, lembras-te das expectativas que te falei mais acima? Elas só te irão dar tudo aquilo de que tu não precisas e, mais importante, aquilo que tu não mereces!

A chave é o presente!

Atenciosamente,

o teu Eu do passado.

Clara Simões



Não tão querido Eu



Rio de Mouro, 15 de Setembro de 2023

Não tão querido Eu,

Escrevo-te porque de momento a nossa existência perdeu-se algures nas infinitas vozes do mundo, porque em algum instante, o teu “eu” deixou de ser aquilo a que chamávamos “nós” e porque foste afundada no aterrador oceano ao que alguém denominou de vida.

Apesar do que dizem, ainda estamos longe de ser mulheres, somos gente, gente confusa, sem rumo, sem aquela luz à qual tão confortavelmente afirmávamos ser o nosso “ponto de destaque”; sim, digo nós, pois acredito que o espontâneo modo de ser que nos infetava as veias secou, e que o que nos era tão natural transformou-se em mais um acessório antrópico, fruto das páginas da vida.

Não tão querido eu, responde-me: será possível desprezar a existência daquele que não existe, será possível voltar a amar quem vezes sem conta nos desamou? Já não te conheço, mas sei que a mente comum me tomaria como mais uma das vítimas de uma amarga tragédia de amor, e errado não estaria, pois dizer que não gosto de ti seria como adoçar as águas do oceano, algo impossível! Para ser franca contigo, a tua existência e o meu amor por ti perderam toda a significância para mim!

Persegues-me, assombras-me a consciência com aquilo que um dia também irá ser meu, a ponto de me fazeres pensar qual de nós é loucamente obcecada pela outra- tu ou eu? Há quem diga que sou eu, chama-me de hipócrita, pois acabei de confessar a minha indiferença perante a tua vida... No entanto, um lado abrigado

da minha memória parece insistir em constantemente autointoxicar-se com o pensamento do que serás para mim.

Descreveria a nossa mente como uma antítese constante, que a cada segundo se contradiz a si mesma, já que às vezes gosto de pensar que não queremos saber uma da outra...somos sim, pensadas a fingir que o fazemos. Quando alguém me questiona sobre em como te irei moldar, adorno-lhes os ouvidos com elegantes mentiras, pois está para existir brinco mais valioso do que a arte de promessas vazias. Somos então espelho da antropologia a que tão ensurdecidamente condenamos. Tal como ela estamos dependentes da valiosa joia a quem nós, falsos vividos, tão carinhosamente apelidamos de comparação.

Não tão querido eu, debes julgar que o único propósito desta tempestade de emoções à qual denomino de carta é difamar-te ou talvez expor o quão estranhamente apelamos já não amar aquilo que nunca fomos; na verdade, a cada letra que escrevo procuro encontrar um súbito sentimento de epifania, entender o que realmente espero de ti... no entanto, cada parágrafo e cada letra revelou ser apenas a catarse que deixei tanto tempo reprimida ao ponto de me sufocar e, sem piedade, assassinar o nosso ser.

O nosso sangue está repleto da repugnante célula da pena, a mesma que fez questão de se ver livre do ato de assumir a responsabilidade por algo e decidiu autoproclamar-se uma mártir da vida. Com isto, digo que tenho sim. pena do que sou, porém, decidi que não poderia existir lugar e momento mais perfeito para exterminar este vírus que algum tempo atrás se infiltrou dentro de mim, fazendo tudo aquilo que prezava cair no esquecimento. Diante disso afirmo aqui, perante a nossa consciência e alma, e perante o ser que espero ainda consideramos o mais importante de todos, que grande parte da culpa de não conseguir tolerar sequer menção do teu nome é minha, e que talvez sejas tu quem realmente merece toda a pena do universo, ao invés de ser apedrejada pelo mais cruel despejo de emoções. Quando eu deixar de existir e me tornar apenas um lapso de uma reprimida memória, serás tu a perseguida pelo reflexo daquilo que algum dia te atreveste a ser, e assim que desaparecer tornar-te-ás tão vazia e perdida quanto as palavras

que uso contra ti. Aí, veremos se serei eu a escrever uma carta para ti, se escrevê-la-ás tu para mim, ou se juntas usaremos o que resta em nós para tornar mais uma versão da nossa tão miserável quanto o que somos.

Querido Eu, não me posso prolongar. Se há coisa que ainda sei, é que o tempo é um tesouro que devemos estimar e por isso faço questão de dedicar este último parágrafo áquilo que servirá como lembrança de que em pouco tempo nos iremos encontrar. É por isso que esta carta termina aqui, com a promessa de uma continuação de vida, de que eu, tu, nós iremos continuar a viver e que as próximas introduções destes longos testamentos começarão com o tradicional início “querido Eu”.

Jael Francisco



Olá, Eu do futuro!



15 de Março de 2023, Sintra, Lisboa

Olá, Eu do futuro!

Como estás? Espero que estejas melhor do que estou agora! Tenho imensas questões para te colocar! São tantas dentro da minha pequena gaveta pessoal, que me perseguem tão ferozmente, sem que eu as consiga controlar e onde, mais do que desorganização, podes encontrar arco-íris feitos de palavras, palavras essas que, no seu conjunto, formam, ou haverão de formar, um todo.

Como sabes, sempre fui muito ambiciosa. Sempre sonhei em ser alguém, alguém especial, alguém que saiba marcar a diferença, não só nos outros e no mundo, mas também em mim mesma, quando for preciso, não só em termos profissionais, mas também a nível pessoal. Mais do que destacarmo-nos pelo que fazemos e pela forma como o fazemos, devemos preocupar-nos com o que está mais perto de nós, com aquilo que faça desaparecer as incertezas e as angústias quando nós falamos. Sempre aspirei em ser assim, e sempre irei trabalhar para lá chegar.

Se, neste momento, me perguntassem o que é que eu quero ser quando crescer, esta seria a base da minha resposta. Não me importo se não sei se quero ser bailarina ou atriz, ou se quero seguir qualquer outra profissão; o que realmente me importa, é a pessoa em que me vou tornar. Tenho medo, que, por via das minhas experiências e também pela influência das pessoas que constituem cada pedacinho do meu coração dourado, me torne arrogante, estúpida e ignorante. Sobretudo, tenho medo que, pelos mesmos motivos, as características da minha verdadeira essência se afundem num mar escuro e sujo, tanto quanto o meu coração. Não

posso deixar que isso aconteça, mas não sei como.... Há quem diga que isso faça parte do crescimento, e que é natural que sintamos mudanças em nós, mas eu não acredito fielmente nessa teoria. Parece-me só mais uma forma que as pessoas encontraram para justificar aquilo que nunca souberam fazê-lo. É quase como procurar uma agulha num palheiro, parece uma tarefa muito complicada e difícil, ou até mesmo, impossível. Mas nada é impossível depois de o fazermos. O problema é que a maior parte das pessoas desiste, mesmo antes de começar, simplesmente por ser difícil. Mas, até que ponto é que podemos definir esse “difícil”?

Desistir, para mim, nunca foi e nunca será uma opção, por mais árduo que seja o caminho. Portanto, tenho a certeza de que esta carta, um dia, daqui a alguns anos, será lida por mim. Dizer isto orgulha-me agora e sei que me vai orgulhar quando a reler. Orgulha-me ter a plena consciência que, apesar de eu sentir que estou a pisar num mundo repleto de luz e absoluta harmonia, o mundo real não é assim. O mundo real, por vezes, consegue transformar belíssimas nuvens nos maiores e mais pesados rochedos que alguma vez veremos. Sei que sempre foi assim e, infelizmente, tem tendência a piorar.

Entristece-me saber que estamos a caminhar para o fogo e o pior é que a maior parte das pessoas não quer saber. Se, de acordo com aquelas com quem tenho contacto, os jovens possuem um corpo, que para nada mais serve senão para a revista que representa a realidade e a sociedade em que nos enquadramos, qual é a relevância da nossa existência na Terra?

Eu acredito que todos nós temos uma missão na nossa vida mas, para encontrá-la, é preciso que ela nos encontre primeiro. Se estamos, lentamente, a caminhar pela terra e ela, rapidamente, pelo ar, é possível que a vejamos, com tão grande velocidade, equivalente à de uma estrela cadente, que cai sobre a noite, mas nunca a iremos conseguir agarrar e sentir. Portanto, para que ela possa encontrar-nos, nós não podemos perder o nosso rumo e devemos estar atentos aos sinais que a vida nos dá, por mais pequenos e insignificantes que pareçam.

Desde sempre, senti que a minha missão se cansou de voar e decidiu pousar na ponta do meu nariz. Por vezes, sinto que ela quer fugir, mas não a deixo. A minha mente aprisionou-a, porque se a deixasse fugir, eu nunca mais a voltaria a ver.

Estou ciente do que constitui a sua essência, e de que ela, tal como eu, vai crescer, como se fossem flores a espreitar do interior da natureza, quando a primavera desperta.

Certo dia, alguém me perguntou: “Se fizesses amanhã dezoito anos, quais seriam os três presentes ideais para ti, para marcar o teu primeiro dia como adulta?” e a minha resposta foi: “Fazer uma tatuagem de um girassol; viajar para África e, de alguma forma, reunir toda a minha família.”.

As flores têm um grande significado para mim. Um mundo sem flores, seria como um mundo onde a alegria e o amor fossem coisas estranhas. As flores são dos seres mais magníficos que existem à face da Terra, não só porque embelezam a natureza com as suas mais diversas cores e espécies, mas também pela mensagem que nos transmitem a nós, seres humanos, seres que conseguem pensar e sentir tudo à flor da pele. Cada flor transmite a sua mensagem e a minha preferida é a dos girassóis. São flores altas e vistosas, com uma cor tão resplandecente que, mesmo involuntariamente, fazem com que a minha boca se rasgue num sorriso, de que só me apercebo depois. Transmitem-me paz, amor e luz, pois o seu movimento, não obstante ser sempre o mesmo e rotativo, nunca souberam, nem nunca saberão o que é viver na escuridão, pois acompanham o movimento do Sol, para onde quer que ele vá. Quando a noite cai, procuram-se uns aos outros, para nunca deixarem a sua luz apagar.

Na minha opinião, esta mensagem deve ser partilhada pelo mundo, principalmente, por quem vive em constante luta com as circunstâncias da vida. E isso justifica a minha vontade de viajar para África. É o continente onde a pobreza extrema e a infelicidade reinam mais do que os próprios governos. Portanto, é o lugar onde as pessoas precisam, sobretudo, de se sentirem amadas, mesmo por meros desconhecidos.

Acredito que, quando voltar a ler esta carta, esta mensagem, tão pequena, mas tão importante, já terá sido transmitida para algumas pessoas que a precisavam de a ouvir, mas nunca serão suficientes.

Antes de o fazer fora do país, preciso de o fazer aos que me rodeiam. Esse trabalho vai ser muito mais difícil, mas acredito que tu, meu Eu do futuro, o farás tão bem quanto eu possa imaginar.

Às vezes, lidar com quem conhecemos é pior do que lidar com estranhos, mas de uma coisa eu tenho a certeza - é que eu o saberei fazer, através do amor.

Já perdi muita gente, e sei que vou continuar a perder, com mais rapidez do que poderei imaginar, mas, quando tal acontece, eu não choro a perda, mas celebro a vida. Tenho a certeza de que o meu Eu do futuro, um dia, conseguirá fazer com que a minha família também encare assim a morte e, dessa forma, possa uni-los e torná-los cada vez mais fortes, em perfeita harmonia.

Para finalizar esta carta ao meu Eu do futuro, quero deixar claro que, apesar de todos os erros, eu sempre me irei orgulhar de mim mesma e do meu caminho. Espero que nunca te esqueças de quem és e da força que tens nas tuas mãos, maior do que Júpiter e Saturno, juntos na Via Láctea. E o mais importante: nunca deixes de agradecer pela vida e nunca percas o amor por ela.

Obrigada por tudo!

Beatriz Mourão

Uma carta para alguém que está perdido...



Minha queridíssima e excelentíssima calamidade,

Venho por este pedacinho de papel dizer o quão miserável e deplorável está a situação em que me encontro, e não só! Venho também tentar compreender o que fazes, como estás e quais novidades que me trazes.

É muito provável que vossa senhoria não saiba quem eu sou, não agora pelo menos, já que não me identifiquei em nenhum momento nesta carta (por enquanto); porém, devo dizer que é bem provável que tu me conheças muito melhor do que eu te conheço a ti.

É indubitável que os meus quinze anos estão a ser do piorio, pois é a época em que nos julgamos artistas, romancistas, muitas vezes pianistas; no entanto, devo dizer que não passamos de amadores, cheios de dramas e amores, mas tu já sabes disto, não sabes? Tu já estiveste no meu lugar, por isso não vale a pena lamentar, só me resta questionar, como vão as coisas por aí? Paraste de sentir as coisas com o cerebelo e a pensar com o coração? Ainda tens arrependimentos? Continuas a viver mesmo que a vida não faça sentido? Ou deste algum sentido a isto? Eu espero que sim. Eu desejo que estejas a realizar algo de útil, pode até ser fútil, com a tua vida. Anseio que tenhas executado algo grandioso, algo que de facto fez-te sentir, algo que as pessoas olhem e digam que foi feito por ti, na maior das solitudes.

Inevitavelmente quero, necessito de saber como está o teu ser. O que fizeste aos teus cabelos escuros, luxuosos, possivelmente amargos como o café preto ao entardecer? Rabiscaste alguma obra de arte nessa tua pele macia, cheia de pontos pretos aos quais chamo, chamamos constelações? Cresceste como ser humano? Como pessoa? Realmente quero saber. Quero saber se continuas a escrever, a

desenhar, a fazer o que os meros mortais chamam de arte, a interagir com objetos inanimados, a fazer do teu quarto o teu lugar mais sagrado, a construir e a reconstruir máscaras em tempos indeterminados.

Espero, com todo o meu coração, veias e artérias, que tenhas deixado de ser tão má para contigo, que descartes a tua falta de senso e mergulhes no oceano de virtudes e que a tua amargura se tenha transformado em doçura. Acredita, mesmo com a ajuda de um ancião, é mais uma bênção do que uma maldição.

Promete-me que este sítio sem calor, época sem esplendor mudará para melhor. E que as minhas palavras, as minhas mágoas, dores, coitas, valerão a pena. E que descubras a causa dos problemas.

Não te amo, no entanto, espero que tu me ames a mim, até ao fim.

Assinado, o teu querido Eu.

DE: DarkMoon

Nataniela Vilela

Uma carta para o meu Eu do futuro



Sintra, 15 de março de 2023

Caro Eu do futuro,

Espero que te encontres bem. Não consigo imaginar pelo que tu já passaste, quer sejas de um futuro próximo ou distante. O futuro foi sempre algo que eu temi muito; o medo do desconhecido, assim chamado, a mera ideia de que há tantas coisas que podem vir a acontecer ou não devido às minhas escolhas de vida foi sempre algo que me trouxe muita ânsia.

Será que eu vivi a vida como devia? Estarei eu a fazer as escolhas certas? Apesar de saber isso, não há forma correta de se viver. São questões que nunca me saem da cabeça. Continuo assim no futuro? Como é que tu encaras estas perguntas e o teu passado? Será que continuas a duvidar de todas as escolhas que fazes, ou será que vives em paz com aquilo que decidiste no teu passado e que chegaste à aceitação?

Há tantas perguntas que te posso fazer, mas não sei se as devo. É suposto aprendermos com os nossos erros. Se eu te fosse perguntar o que é que acontece a seguir e soubesse o que me destina, não seria batota? Será que isso iria diretamente impactar as minhas escolhas do futuro? Estas questões são inúteis, pois não é como se conseguisses responder e mandar uma carta de volta, para o passado.

Colocando de lado estas questões existenciais que me assombram constantemente, como estamos? És verdadeiramente feliz? Já acalmaste as ânsias, ou ainda continuam a seguir-te, como uma sombra negativa que te deixa miserável?

Eu sempre me considerei uma pessoa consciente e penso que tenho noção de quem sou e do que se passa no meu cérebro. Por isso, ó Eu de um futuro que ainda me é conhecido, diz-me se estava certa acerca do bom e do menos bom? Daquilo que sou, da minha pessoa? Hás de reparar ao longo desta carta a oscilação de como me refiro a mim mesmo... Não, não é um erro gramatical, mas sim, a minha incerteza. Eu penso saber quem eu sou, mas às vezes não consigo senão pensar que será que isto sou mesmo eu, será que é tudo uma fase? E tu, meu Eu do futuro, continuas com estas mesmas dúvidas?

Neste meu presente, teu passado, estou a viver com a ânsia de fazer os dezoito anos. Para ti deve ser insignificante, pois provavelmente já passaste por essa barreira imaginária que criei e, talvez, até gostes mais de estar desse lado. Eu gostava de ser assim, a quem a barreira já passou... Diz-me que na tua altura tinhas o desejo de chegar a essa idade, pois também consigo constatar isso naqueles que têm a minha idade. Suponho que a certa liberdade que vem com o ser considerado maior de idade é atraente para aqueles que ainda não a têm. Para mim, a única coisa que este número me traz é *stress*, vou ser maior daqui a quatro dias e sinto que gastei estes anos todos a fazer nada. Esperava ter feito mais, ter conseguido mais... É cada vez mais evidente que o meu tempo está a passar, eu sei que ainda tenho muito, espero eu, mas o facto de ele passar sem parar faz-me quase entrar em pânico. Não gosto do tempo, nunca gostei, mesmo naqueles jogos cronometrados, ficava sempre a pensar que ele estava a acabar e acabava por nem me mexer. Qual é a tua relação com o tempo? Será que é positiva, ou será que se manteve a mesma?

Outra coisa que podes ter reparado é que eu tenho estado a referir-te como se fosses uma pessoa separada da minha. Apesar de sermos literalmente a mesma, sinto que é incorreto pensar de ti como penso de mim. O que faz uma pessoa são as suas experiências, por isso é que eu penso que apesar de eu ser tu, tu não és eu. A verdade mais certa é que eu não te conheço. Não sei os teus valores, não sei quem são as pessoas ou animais que consideras mais importantes, não sei o que mais gostas de fazer, não sei pelo que passaste, a música que ouves, a tua cor favorita...

Não sei quem tu és! Mas isso não importa, pois tu sabes quem eu sou, quem tu já foste.

Por falar em música, ela ainda tem um papel importante na tua vida? Continuas a usá-la para evitar pensar ou sentir coisas que não queres, para te fazer sentir melhor em dias difíceis? Ainda tocas? Não vou mentir, às vezes não tenho paciência para praticar, mas ultimamente tenho cada vez mais sentido que não me importava seguir a música...

Ainda não sei o que fazer, não foi algo que tenha pensado muito com a seriedade com que devia. Sempre que o fazia diziam-me que ainda tinha muito tempo. E agora, que estou em contagem decrescente, toda a gente quer saber o que vou seguir, “Como assim ainda não pensaste?”. A lata que esta gente tem!... É quase humorístico o nível de ironia, não é? Eu já nem digo nada, não vale a pena! Recentemente li *Radio Silence* de Alice Oseman, que me fez abrir os olhos em relação ao académico e à universidade, e como estes não são tudo, apesar da constante pressão que a sociedade põe neles.

É verdade! Comecei a ler, quem diria! Apesar de finalmente conseguir ter tido interesse para a literatura, ainda não me consigo sentar e passar uma tarde a ler, mesmo que me esforce. É difícil! Às vezes, tenho de ler a mesma frase uma dezena de vezes e chego mesmo a saltar parágrafos inteiros... É difícil concentrar-me, é algo de que recentemente me apercebi. É verdade que quando é sobre coisas que o nosso cérebro não tem interesse, ele desliga, mas também tem começado a acontecer com as coisas que eu gosto e quero fazer. Eu digo “começado”, mas na realidade isso tem estado a acontecer há quase três ou quatro anos. Sabes o que é? Deves saber, imagino que o futuro Eu já tenha consultado um especialista sobre isso. E tu, gostas de ler? Ou será que voltaste a desligar para o mundo da literatura?

Ainda há tanto que tenho por dizer, tantas perguntas por fazer (lá estou eu a contradizer-me!), coisas como: ainda estás em contacto com os teus amigos da minha altura? Continuas a jogar videojogos? Saiu algum anime novo que consideres *life changing*? Será que porventura continuas a ver anime? Imagino que sim, tendo em conta que é uma dos constantes da minha vida desde os três anos de idade.

Como é que se desenvolveu a ciência e a tecnologia? Ainda estás em Portugal? Na verdade, tenho curiosidade se algum dos teus irmãos voltou para cá. É estranho pensar nisso porque o meu irmão mal acabou de ir para fora. E muitas mais, mas não quero te aborrecer mais.

No final das contas, espero que esteja tudo bem contigo! Contínuo com medo do que me espera, acho que vai para sempre ser defeito da minha pessoa. Será que vais mesmo ler esta carta? Bem, só tu é que sabes a resposta para isso.

Fica bem,

Carolina Filipa Pascoal Duarte

Para mim, daqui a uns anos...



Futuro... o que é não tenho a certeza, mas sei que me espera; sei que anda algures por aí. Mas bem, não estou aqui para falar do tempo, estou aqui para falar comigo... daqui a uns anos.

Olá, Eu do futuro! Não tenho a certeza de como te tratar. Aliás, como me tratar a mim mesma. Podia tratar-te por “tu”, mas quem sabe se não estou a falar com a próxima presidente de Portugal, ou até a vencedora de um prémio Nobel. Ninguém trata a vencedora de um prémio Nobel por “tu”. Apesar de tudo isso, sinto que temos proximidade suficiente para te encarar como alguém muito chegado.

Enfim, como vais? Espero que bem! Como estão a mãe e o pai? Estão a ficar velhinhos, acredito. Sabes, tenho medo da altura em que eles já não vão estar aqui para nos apoiar. É melhor mudar de assunto, não quero criar já um ambiente pesado... Os patudos, como vão? O *Marley* ainda destrói tudo? O *Elvis* já aprendeu a fazer alguma coisa sem ser dormir? E a Java continua a ladrar muito quando batem à porta? Desconfio que sim, escolhemos sempre os animais mais complicados. Por falar em animais, ainda dormes com o nosso elefante de peluche favorito? Deves dormir. Sempre foi um drama para nos desfazermos dele, até quando a mãe o queria lavar.

Espero que quando estiveres a ler esta carta, te encontres numa ilha paradisíaca e cheia de dinheiro à tua volta. Mas quem é que estou a tentar enganar? Nunca gostámos de praia e dinheiro é a última coisa com que nos preocupamos. Tu sabes isso melhor que ninguém. Aliás, eu. Aliás, nós. Nunca pensei que fosse tão desafiante escrever uma carta para o meu futuro eu...

Ainda nem te perguntei quantos anos tens... vinte? trinta? cem? Na época em que vives com certeza que as pessoas vivem até aos cento e vinte, pelo menos. Se calhar já nem estão na Terra... Em que planeta vives? Marte? Júpiter? Uma vez fizemos um trabalho sobre os planetas. O nosso favorito sempre foi Úrano. Ainda te lembras certo? Como foi andar numa nave espacial? O teu Eu de 2023 ainda nem andou de avião, mas sinto que não demorará muito até o fazer... talvez até sejas tu a contar-me.

Mas vá, fala-me de como é o mundo em que vives. Já temos carros voadores e viagens no tempo? Se calhar consegues vir visitar-me um dia destes... podias trazer os pais, o Jaime e o Noah talvez... O Noah deve estar enorme! Por agora continua só com três aninhos, mas já fala melhor que muitos adultos. Acredito que ainda te recordes de tudo isto... costumavas gravar cada momento na tua câmara e, se continuas com os mesmos hábitos que tenho agora, também deves ver esses vídeos quase todos os dias.

E nós? Continuamos com os mesmos gostos? Desconfio que não. Encontramos coisas novas quase todas as semanas e, passados tantos anos, nem te deves lembrar daquilo que gostavas quando tinhas dezassete anos. Já temos filhos? E cães, não te esqueceste deles, certo? “Cães primeiro, crianças depois”, o nosso grande lema.

Espero que a escola tenha corrido bem! Não sei se ainda estás na faculdade, mas se estiveres, boa sorte! Pode ser difícil, contudo acredito que temos amigos que nos ajudam. Já agora, conseguiste fazer colegas novos? Sempre ficámos muito nervosas quando conhecemos pessoas novas, mas sinto que vamos conseguir ultrapassar isso. E como estão os nossos amigos de agora, do meu agora? Ainda mantemos contacto com eles? Espero que não tenhas quebrado a promessa que fizemos.

Chega de perguntas, já te deves sentir cansada o suficiente, mais ainda a ser bombardeada com interrogações que tu própria te estás a fazer. É estranho pensar vou ser eu a responder a todas elas.

Enfim, queria terminar esta carta com um conselho. Sei que és mais velha e, espero eu, mais sábia do que o que sou neste momento, mas até os mais sábios precisam, por vezes, de alguns conselhos, sabes? Quero que me prometas que não te vais deixar ser influenciada pelos outros. Sei que pode ser difícil integrares-te num mundo onde sentes que não pertences, mas não deixes que esta luz que temos se apague e não permitas que os outros ofusquem o nosso brilho!

Apesar de sermos a mesma pessoa, sinto que não te conheço. A única coisa que tenho a certeza é que, quando crescer, quero ser como tu!

Até um dia, Eu!

Margarida Martins Peres Moreira



Começo já por dizer



Lisboa, 15 de março de 2023

Começo já por dizer que é com alguma apreensão que escrevo esta carta. Não sei se sou movido pelas expectativas que tenho, se só para tentar atenuar esta dor que sinto. É provável que te tenhas tornado em mais outro medíocre, em mais um, entre tantos outros... É provável que tenhas desiludido todos os que apostaram em ti e todos os que investiram em ti. Porque sim, suspeito que tenhas descartado e inutilizado tudo o que te deram... eu sei que sou um privilegiado. O que faço com esses privilégios é outro assunto, e os efeitos futuros são outro ainda mais remoto. Ainda assim, em todo o pessimismo que sinto, encontro ainda o resquício de uma esperança na minha pessoa, em ti. Sei bem que és capaz de ter arranjado mil e um subterfúgios, desculpas tão miseráveis que me enjoam, só para justificares toda a desilusão que causaste. Não que o faças por mal, fá-lo por vergonha, por sentires a culpa na tua alma, como se a tivessem partido em infinitos fragmentos, depois colados com a mais rasca das colas, mas não rasca o suficiente para permitir que ela se empoeirasse e desaparecesse, não! Tens que sentir o peso na fragilidade, porque tu mesmo és um espelho da tua alma, reflete-la. (Não me perguntes o que é a alma, se ainda nenhum de nós a entendeu é porque ela não quer ser entendida, nem tem que o ser, só sei que ela é, que se faz sentir.)

Ainda assim, prefiro imaginar um futuro próspero, pensar que a dor e todos os esforços (muito insignificantes, mas nós estamos numa realidade privilegiada!) serviram para um bem maior. Falo no serviço da arte, claro. Espero que tenhas atingido alguns daqueles objetivos epistolares que tu mesmo criaste (“tu” é como quem diz, só por dizer, porque não sou eu quem criou os objetivos, nem “tu” és eu, nem eu talvez seja “eu” depois de assinar e selar a carta). Caso não te lembres, um

desses objetivos foi já realizado. Como me senti quando soube sequer da oportunidade, uma sensação como nenhuma outra!... Excitação, incredulidade, nervosismo... uma onda finita, mas longa, que me percorreu durante todo o dia e toda a noite. Se ainda te lembrares dessa sensação, se ainda a tiveres presente na memória, mas de forma visível, não como uma imagem pouco nítida daquelas pessoas que já foram, mas pelas quais se nutre um amor enorme... Ah! se a sentires com regularidade, posso dizer que talvez tenhas concretizado tudo o que se planeou e então ficarei numa plena paz de espírito. Afinal, sempre foi para isso que trabalhei, que trabalhámos...

Mas algo na consciência e que me afunda a alma me diz que não, que isso é impossível, que é incompatível com a nossa pessoa atemporal. Sim, não interessa que seja o “eu” cândido e novinho, que seja o “eu” de agora ou o “eu” do futuro. Algo me diz que há um fator intrínseco que te impossibilitou de continuar, de realizar e ser realizado. E é isso que me dói, que me deprime: saber que no fim, a maior das probabilidades aponta para o fracasso, para a mediocridade. Sinto-me impotente, crio expectativas ambiciosas, sabendo que não me mostro compatível com elas. Sinto-me compatível, é certo, mas não sei se sou.

Mas não te preocupes se não fores o grande Eu que pintei, ou melhor, que pintaram porque eu sinto que esta náusea é tanto de pressão quanto de ambição. No fim, todos somos matéria inapta e morta. Talvez o teu, o nosso propósito não seja a excelência, nem para nós nem para ninguém. Portanto, não aches que ficarei desapontado, ou numa dor wertheriana de impotência que me conduza ao desespero mortal.

A vida pode ser só como o fumar de um cigarro. Alguém te acende – não tens escolha, e tu vais esmifrando. Vês as cinzas caírem, vais ficando cada vez mais frágil e bambo, até que não consegues mais esfumar. No fim, ficaram as memórias, as cinzas do teu Eu, mas alguém nota nas cinzas de um cigarro? Quantos são acesos, quantos são apagados, num mesmo dia? Assim somos nós – tu e eu. O melhor é fazer do fumo o que nos for mais favorável.

Portanto, querido Eu do futuro, apenas tenta, com afinco, mas não te esgotes! Será inútil viver num ambiente de pressão e desilusão, quando no fim somos todos cinza. A vida não é nenhuma escadaria que leve ao paraíso, à glória, é apenas uma estrada, com algumas lombas e buracos, e cujo destino final é sempre o esquecimento.

P.S. Sei perfeitamente que esta carta está cheia de idiotices que se transfiguraram a serviço de uma caneta e de uma folha de papel. Sei que nunca a irás ler, mas não me custa nada escrevê-la, apesar de me custar muito. Não consigo idealizar a reação que terias. Ou apenas acharias que era um “eu” teu néscio, ou acharias (saberias, aliás!) que, no fim de tanto devaneio, eu estava irremediavelmente certo. Mas a carta está escrita, sem destino. O que faço com ela é o mesmo que posso fazer por ti, pela nossa vida...

Com votos de paz,

C.T.

Thiago William Carvalho Tortaro



Eu e eu



Querido 128,

Como o tempo voa! Naturalmente, já não te deves lembrar de ter escrito esta carta, pois o tempo passou, a tua personalidade mudou e tudo aquilo que ambicionavas se concretizou, ou não. A verdade é que a estás a ler. Mas qual o propósito desta? Parece algo tonto, não? Estar a escrever-te de tempos tão remotos ou tão próximos, enfim, até parece de loucos...

Mas adiante, neste preciso momento encontro-me diante de ti, e para ser honesto, não sei bem o que te dizer, ou o que te posso aconselhar. Que ousadia a minha achar que tenho mais experiência e maturidade que tu! Afinal, tu és o meu eu do futuro! Mas adiante, és a minha prioridade neste momento. Olha para mim como um testemunho de tudo aquilo que alcançaste. Podes não te aperceber, mas eu penso sempre em ti, esforço-me para te dar o presente em que te encontras, e, não querendo ser egoísta e gabarolas, tu és o produto de todo o meu esforço! Por isso, nunca te esqueças de tudo o que passaste e suplico-te, por favor, nunca deixes de sonhar e ambicionar. E podes interpretar isto que acabei de dizer de duas formas: a primeira, rindo do quão tonto sou por não arriscar mais, e dizendo, espero eu, para ter calma, pois apesar de todos os contratemplos, continuas a ser eu... a vida vai bem e simples, e, como ambos o sabemos, não existe nada melhor que a simplicidade. A outra interpretação e, numa perspetiva mais negativa, dizendo-me com lágrimas nos olhos que me perdeste, que não deste o melhor de ti, que me desiludiste. Mas não estou aqui para te julgar, e não te massacres se aquilo que desejei, para ti, não se cumpriu. Guarda esta carta para o próximo futuro eu, e promete-lhe com todo o teu ser, que o irás orgulhar, assim como eu me orgulho de

ti, por não desistires. Repara que estás a ler isto, pior era se me tivesses esquecido de todo.

Com isto esclarecido, pergunto então agora: como estás? Como estão todos os que amas e se importam contigo? Pode parecer piroso, mas não te esqueças deles, nem do que fazem por ti, e se tiveres trocado de amigos, foi porque o tempo assim o quis, e espero que os tenhas substituído por uns melhores. Rodeia-te de quem quer o teu sucesso e de quem o quer ter também. Ai com que ânsia gostaria que me respondesses a estas perguntas! Como deves imaginar e como sabes, neste momento não passo de um turbilhão de pensamentos e dúvidas, mas não te preocupes! Estou a ir com calma, prometo, mas ainda assim é difícil não me perder no meio da neblina. Daqui, vejo tudo bastante turvo, difuso. Deve ser porque o futuro ainda parece distante. Mas, à medida que me aproximo, cada vez mais, começo a compreender e a ver tudo de forma clara. Continua a seguir em frente, e, como já te pedi, vai olhando uma ou outra vez para trás. Não te esqueças nunca de todo o teu esforço, nem de dar valor a tudo o que alcançaste ao longo da tua belíssima e árdua trajetória.

Espero que o que te torna único permaneça imutável e, se assim não for, sorri neste momento, para e pensa: o que quero eu e para onde vou? Não deixes que a maturidade nem os outros roubem de ti a pessoa que hoje te escreve.

Despeço-me com um até breve e não tenhas vergonha de te visitar lendo-me.

Para o infinito,

Francisco Miguel Vilariça Folgado

Querido 130



Querido 130,

Estar a escrever uma carta para mim mesmo é algo estranho. Estou um pouco ansioso para começar, um bocado na expectativa na verdade, mas estou (ou estamos) cá para tentar!

Tenho tantas perguntas para te fazer... mas tenho de começar por esta: como foi o desfecho do nosso secundário? Conseguimos entrar no curso queríamos? Estou um pouco receoso em relação a este tópico... Se bem te lembras esta fase não foi fácil, é tudo tão incerto neste momento... Parece que o rumo da minha (nossa) vida pode mudar com o resultado de uma simples avaliação de psicologia. Esta incerteza em que vivo neste momento acaba comigo. Tu bem sabes do que falo, do nosso stress, do nervosismo em demasia, de toda esta ansiedade que me destrói psicologicamente. Por conta da carga horária, com os treinos e as explicações, pouco sobra para dormir uma sesta à tarde, ou até mesmo para dormir de noite... Espero que tenhas corrigido esta parte durante os anos que nos separam, porque eu vou precisar dessas horas de sono.

Por falar nelas, as malditas explicações de matemática! Nós até gostamos da disciplina, mas tenho a certeza de como tu detestavas a Manuela tanto como eu! Ela também não ia com a nossa cara, estava sempre a dizer que nos safávamos nos testes a copiar (mal ela sabia que o nosso colega do lado era o João, logo ele que era um zero à esquerda a matemática!), e que nunca trabalhávamos o suficiente, apesar de levarmos os trabalhos sempre feitos. Conseguiste tirar o dezoito que tanto queríamos no exame? Acredito que sim... tenho estudado tanto que é impossível não termos conseguido. Falta pouco para descobrir a resposta a esta pergunta, deseja-me (ou deseja-nos, como quiseres) sorte!

E os treinos? O futebol, que desde pequeninos significa tanto para nós, que tantas alegrias nos trouxe, principalmente agora estou com a confiança lá em cima e as coisas me estão a correr bem. O treinador gosta de mim, tenho tempo de jogo, fizemos novos amigos... mas tu tiveste a mesma dúvida que eu tenho agora. Tu sabes que a nossa estatura sempre foi um "handicap" que tivemos em relação aos outros da nossa idade, mas que apesar disso, aquela determinação, aquela raça que sempre nos caracterizou, a nossa explosão, a nossa velocidade, inteligência, entre outras características, compensavam sempre essa desvantagem que tínhamos em relação aos outros...mas nesta fase já não é bem assim... Nesta idade onde já praticamente todos os rapazes da minha idade estão totalmente desenvolvidos, a nossa estatura cada vez mais se nota entre os demais, e começa a ser difícil mantermo-nos ao nível físico que pretendem de nós. O sonho de criança de ser jogador de futebol já não está na minha mente, mas gostava de continuar a jogar num clube, minimamente profissional. Para algumas pessoas, estas dúvidas podem parecer parvas e sem nexo; por isso é que escrever esta carta para ti está a ser um alívio, porque és a única pessoa que sabe exatamente como me sinto neste momento, o que passa pela minha cabeça e o que mais temo.

Por falar em ser incompreendido, tu já sabias que eu ia tocar neste tema mais tarde ou mais cedo. A nossa estatura, que nesta fase é talvez a coisa que mais temo, é a minha maior insegurança e que por vezes me faz sentir que não vou ser capaz. Conseguiste? Conseguiste livrar-te desta maldita insegurança que tanto me atormenta? Já não consigo mais pensar nisto! Tu sabes bem o que sinto. Sinto que as pessoas estão sempre a fazer troça de mim e que, por mais forte que seja, essas bocas vão sempre afetar-me, na forma como eu me vejo. Esta é (para ti, oxalá que tenha sido e que já não seja!) uma das batalhas mais difíceis de travar que já tive ao longo da minha vida. Tu bem sabes o pânico que eu sinto por vezes... Aquele dia no Sol da Caparica em 2022, 11 de Agosto mais precisamente, tinha tudo para ser o melhor dia do nosso verão de 2022, e por causa daqueles palermas que gozaram connosco, que fizeram troça de nós, foi o pior. Ultimamente, graças à ajuda da doutora Conceição estou a fazer melhorias na minha autoestima; apesar de tudo já não penso vinte e quatro horas por dia nisso, o que já é uma melhoria, mas ainda é um medo muito

presente na minha vida. Dizem que, ao crescermos, percebemos que não é apenas a aparência que importa, e que ninguém olha para isso, mas esses tempos parecem tão longínquos neste momento... tu é que estás a gozar o prato! Espero que tenhas conseguido fazer o que eu ainda não consegui, e que tenhas conseguido viver pelo menos uma parte deste tempo que nos separa sem estas malditas correntes que me prendem.

Apesar de tudo espero que tenhas uma vida estável, com a nossa família maluca mas que nos adora, que continues a ter esta vontade que eu tenho de conhecer coisas novas, de explorar, de ser autêntico. Espero uma resposta a esta carta... aliás... não precisas. Eu quero descobrir o que o futuro me reserva por mim, neste caso somos os dois a mesma pessoa, mas estou a falar de mim, David Soares com dezassete anos de idade, quase a fazer dezoito.

Não sei bem como me despedir, sendo que somos a mesma pessoa, mas acho que já tenho uma ideia...

Espero um dia ser tu,

Miguel Farinha Baptista